

Libras

ELIZIANE MANOSSO STREIECHEN



Caros alunos,

Esse ebook é um pdf interativo. Para conseguir acessar todos os seus recursos, é recomendada a utilização do programa Adobe Reader 11.

Caso não tenha o programa instalado em seu computador, segue o link para download:

<http://get.adobe.com/br/reader/>

Para conseguir acessar os outros materiais como vídeos e sites, é necessário também a conexão com a internet.

O menu interativo leva-os aos diversos capítulos desse ebook, enquanto as setas laterais podem lhe redirecionar ao índice ou às páginas anteriores e posteriores.

Nesse *pdf*, o professor da disciplina, através de textos próprios ou de outros autores, tece comentários, disponibiliza links, vídeos e outros materiais que complementarão o seu estudo.

Para acessar esse material e utilizar o arquivo de maneira completa, explore seus elementos, clicando em botões como flechas, linhas, caixas de texto, círculos, palavras em destaque e descubra, através dessa interação, que o conhecimento está disponível nas mais diversas ferramentas.

Boa leitura!

SUMÁRIO



Apresentação

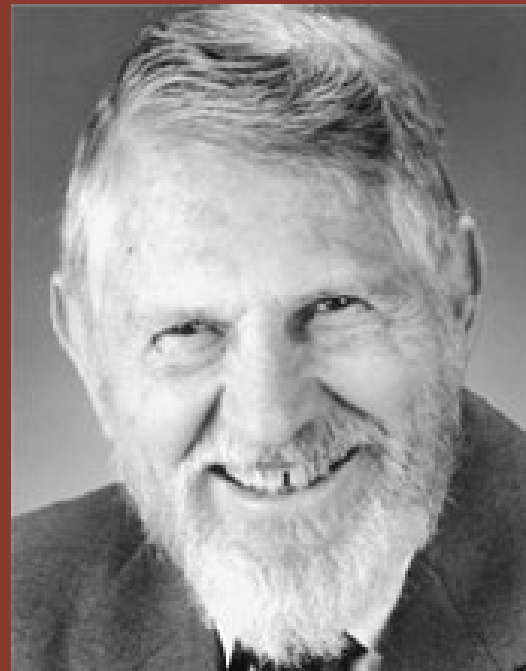
Este material tem como objetivo aprofundar e complementar alguns conteúdos da disciplina de Libras para o Curso de Pedagogia, na modalidade de Educação a Distância (EaD), da Universidade Estadual do Centro-Oeste – UNICENTRO/Universidade Aberta do Brasil (UAB). Nesse sentido, na parte introdutória, discutiremos a diferença entre reconhecimento e oficialização da língua de sinais, uma vez que há certa confusão, por parte de alguns estudiosos, professores e outras pessoas, em relação a esses dois conceitos. Na segunda parte, analisaremos as possíveis nomenclaturas terminológicas que podem ser utilizadas para nos remetermos a essa Língua, mais especificamente no Brasil. Em seguida, discorreremos sobre a importância da Libras no processo de ensino e aprendizagem do sujeito surdo, assim como os desafios que esses alunos enfrentam no processo de aquisição da escrita. Na sequência, com o objetivo de acentuar que a comunicação, em língua de sinais, exige muito mais do que simplesmente o aprendizado do alfabeto manual ou de alguns vocábulos soltos, analisaremos como ocorre a construção de sentenças, cuja ordem pode diferenciar-se da estrutura da Língua Portuguesa. Ao final desse *E-book*, você encontra sugestões de filmes e séries sobre surdos e a língua de sinais.

1. Reconhecimento e Oficialização da Língua de Sinais

Percebe-se, na literatura em voga, certa confusão entre **reconhecimento** da língua de sinais, e **oficialização** da Língua Brasileira de Sinais (Libras). O reconhecimento da língua de sinais, pela Sociolinguística, ocorreu a partir de 1960, com os estudos de Willian Stokoe, que descobriu que a língua de sinais apresenta elementos linguísticos equivalentes às línguas orais, como a fonologia, a morfologia, a sintaxe, entre outros (STREIECHEN, 2014).


Conheça William Stokoe e uma breve biografia desse pesquisador:

Figura 1 – William Stokoe



Fonte: *Gallaudet University Press*

Stokoe (1920-2000) era um linguista escocês que vivia e trabalhava nos Estados Unidos. Em 1955, ele se tornou professor do Departamento de Inglês do Gallaudet College, hoje conhecida como Gallaudet University. Nessa época, ele não sabia nada de Língua de Sinais Americana (ASL). Ele teve que aprender alguns sinais, que ele usava ao mesmo tempo em que dava suas aulas em inglês, como a maioria dos outros professores. Nessa época, nem na Gallaudet havia aulas de ASL, pelo simples fato de que ninguém, nem mesmo os surdos, consideravam a sinalização como parte de uma língua autônoma. Stokoe não demorou a perceber que existia uma diferença entre a sinalização que ocorria quando um surdo se comunicava com outro e a que ele usava como acompanhamento de palavras em inglês, durante suas aulas. Por isso, Willian Stokoe é considerado o pai da Linguística da Língua de Sinais Americana (ASL).

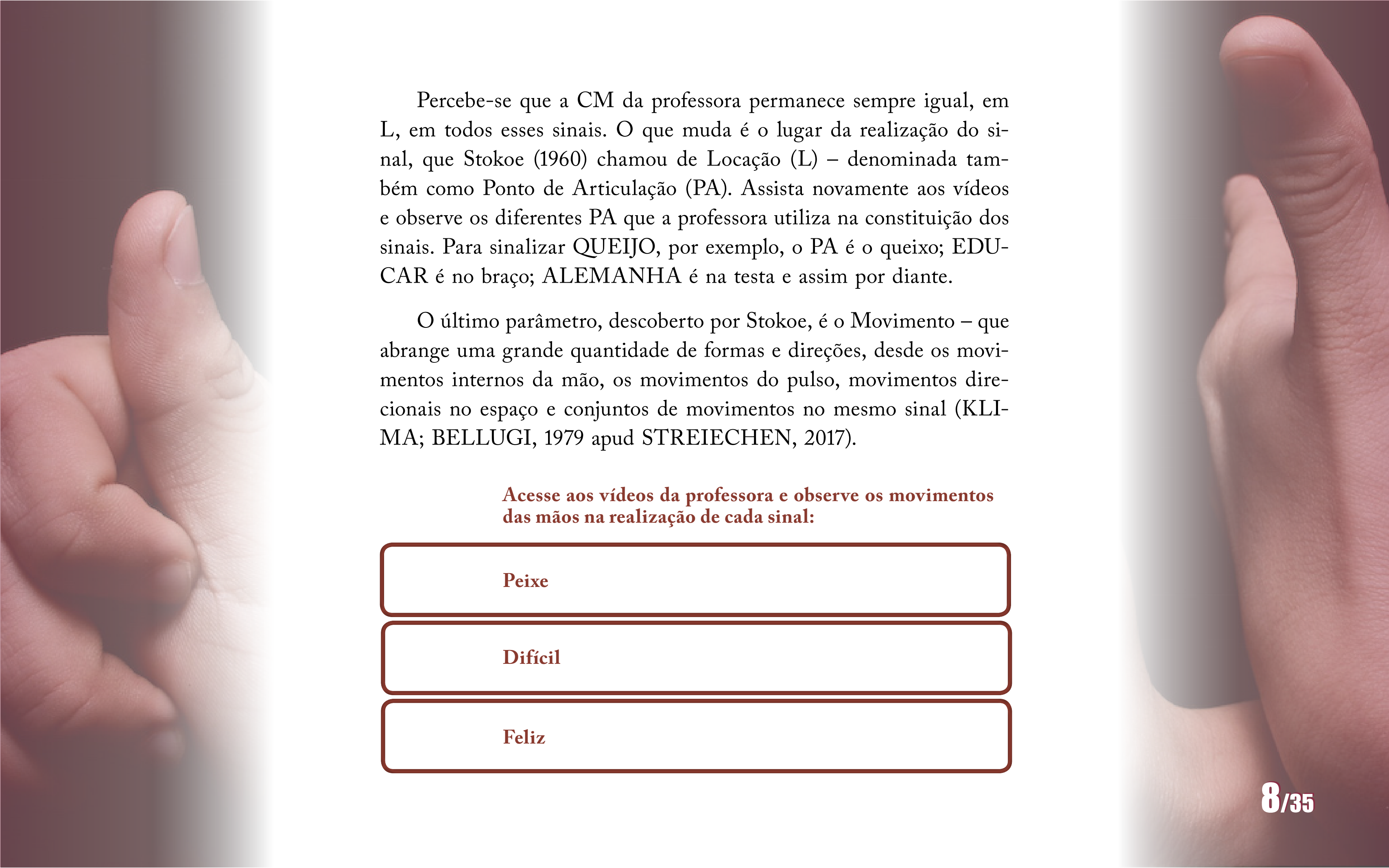


Stokoe é o responsável pela descoberta dos três principais parâmetros linguísticos que regem a construção dos signos linguísticos da língua de sinais, a saber: configuração de mãos (CM) - forma que a mão toma na realização dos sinais. Atualmente, existem mais de cem diferentes configurações de mãos. Com cada configuração de mãos é possível sinalizar inúmeros vocabulários.

Assista alguns sinais que podem ser realizados com a configuração de mãos em L:

Queijo	Trabalhar
Educar	Ter/Não Ter
Alemanha	Televisão
Feio	Água



The background of the slide features a close-up, soft-focus image of two hands. The hands are positioned on the left and right sides of the frame, with fingers slightly curled. The lighting is warm and natural, highlighting the texture of the skin. The central area of the slide is white, providing a clear space for text.

Percebe-se que a CM da professora permanece sempre igual, em L, em todos esses sinais. O que muda é o lugar da realização do sinal, que Stokoe (1960) chamou de Locação (L) – denominada também como Ponto de Articulação (PA). Assista novamente aos vídeos e observe os diferentes PA que a professora utiliza na constituição dos sinais. Para sinalizar QUEIJO, por exemplo, o PA é o queixo; EDUCAR é no braço; ALEMANHA é na testa e assim por diante.

O último parâmetro, descoberto por Stokoe, é o Movimento – que abrange uma grande quantidade de formas e direções, desde os movimentos internos da mão, os movimentos do pulso, movimentos direcionais no espaço e conjuntos de movimentos no mesmo sinal (KLIMA; BELLUGI, 1979 apud STREIECHEN, 2017).

Acesse aos vídeos da professora e observe os movimentos das mãos na realização de cada sinal:

Peixe

Difícil

Feliz

Mas será que todos os sinais têm movimento?

Não. Há uma infinidade de sinais que não exigem movimento. Vejamos alguns:

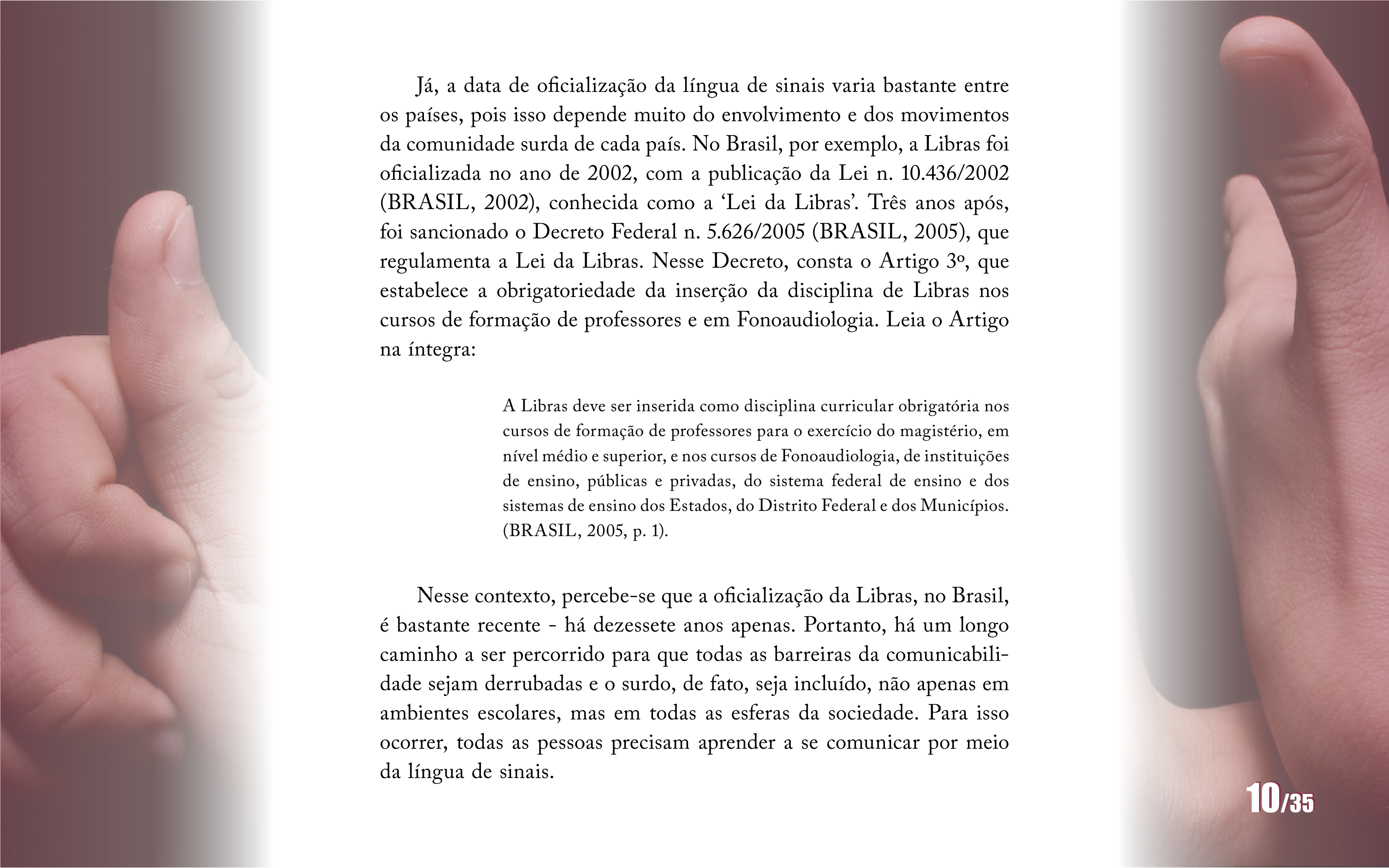
Telefone

Morar

Desculpar

Agora que você já conheceu um pouco sobre o pesquisador William Stokoe e a importância de seus estudos para o reconhecimento da língua de sinais no mundo, voltaremos à discussão sobre a diferença de reconhecimento e oficialização.

Pois bem, o reconhecimento da língua de sinais não ocorreu no Brasil, mas em vários países do mundo, iniciando pelos EUA, com a Língua de Sinais Americana (ASL), uma vez que os estudos, realizados por Stokoe, são com base nessa Língua, embora ele seja da Escócia.

The image features two hands in the foreground, positioned on the left and right sides, with fingers extended in a way that suggests sign language. The hands are slightly out of focus, creating a soft, ethereal effect. The background is a light, neutral color, providing a clean canvas for the text.

Já, a data de oficialização da língua de sinais varia bastante entre os países, pois isso depende muito do envolvimento e dos movimentos da comunidade surda de cada país. No Brasil, por exemplo, a Libras foi oficializada no ano de 2002, com a publicação da Lei n. 10.436/2002 (BRASIL, 2002), conhecida como a 'Lei da Libras'. Três anos após, foi sancionado o Decreto Federal n. 5.626/2005 (BRASIL, 2005), que regulamenta a Lei da Libras. Nesse Decreto, consta o Artigo 3º, que estabelece a obrigatoriedade da inserção da disciplina de Libras nos cursos de formação de professores e em Fonoaudiologia. Leia o Artigo na íntegra:

A Libras deve ser inserida como disciplina curricular obrigatória nos cursos de formação de professores para o exercício do magistério, em nível médio e superior, e nos cursos de Fonoaudiologia, de instituições de ensino, públicas e privadas, do sistema federal de ensino e dos sistemas de ensino dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios. (BRASIL, 2005, p. 1).



Nesse contexto, percebe-se que a oficialização da Libras, no Brasil, é bastante recente - há dezessete anos apenas. Portanto, há um longo caminho a ser percorrido para que todas as barreiras da comunicabilidade sejam derrubadas e o surdo, de fato, seja incluído, não apenas em ambientes escolares, mas em todas as esferas da sociedade. Para isso ocorrer, todas as pessoas precisam aprender a se comunicar por meio da língua de sinais.

2. Nomenclaturas da Libras

Atualmente, há diferentes formas de os pesquisadores, estudiosos, professores, mídia etc. utilizarem a nomenclatura da língua de sinais. Primeiramente, é preciso compreender que a língua de sinais é uma Língua, com recursos e mecanismos capazes de expressar conceitos concretos ou abstratos, complexos ou simples, assim como qualquer outro idioma (STREIECHEN, 2017). Portanto, referir-se à Libras como linguagem de/dos sinais é um equívoco, assim como seria se houvesse referência à Língua Portuguesa como “linguagem portuguesa”.

Existe uma diferença entre linguagem e língua. Viotti (2008), com base em Saussure, discorre sobre essa diferença. Veja, primeiramente, como ela explica o conceito de linguagem:

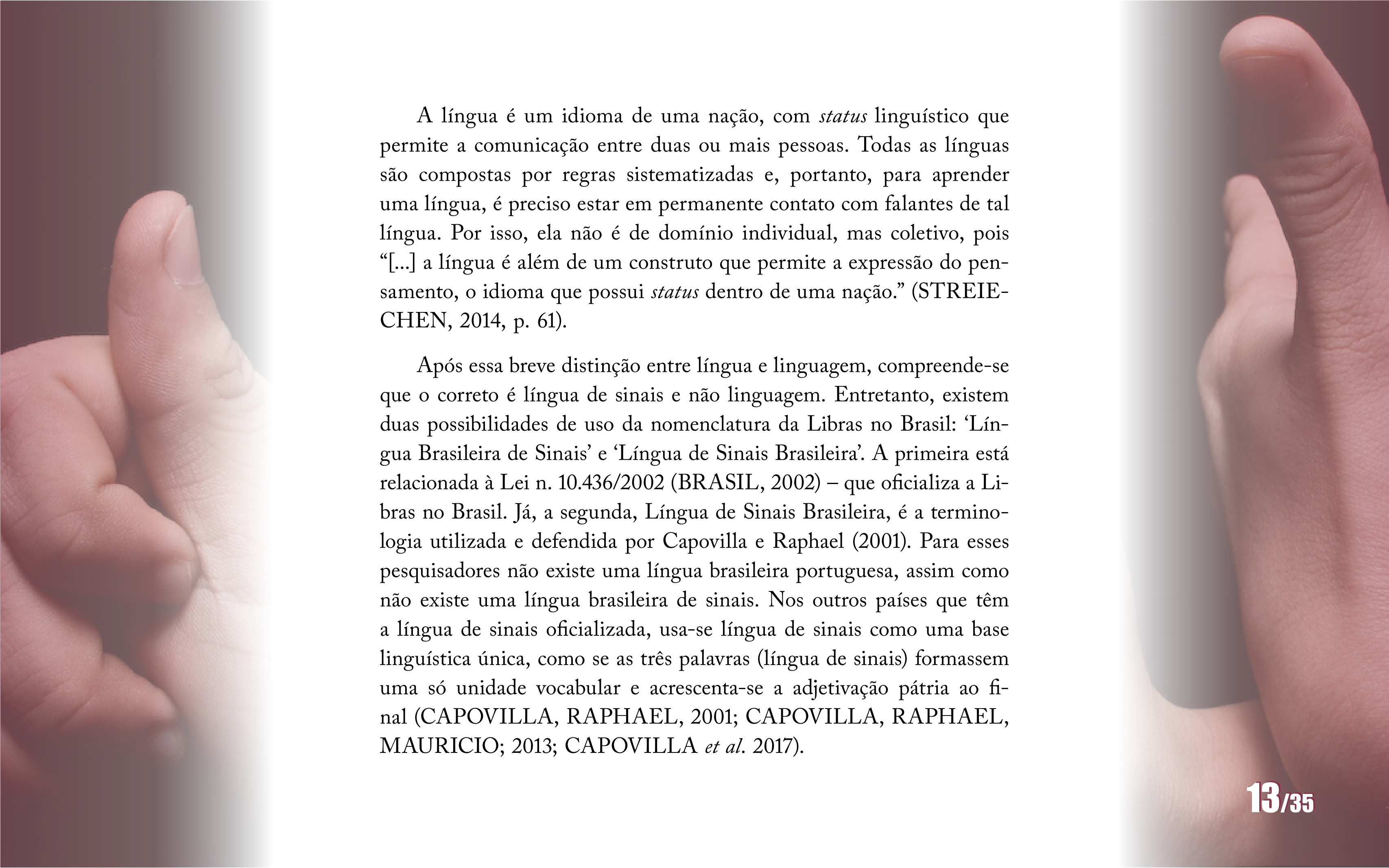
A linguagem é heterogênea e multifacetada [...] e pertence tanto ao domínio individual quanto ao domínio social. Ela é uma capacidade que os homens têm para produzir sistemas simbólicos, ou seja, sistemas de conceitos associados a uma determinada forma, como a língua, as artes plásticas, o teatro, a dança [...]. É impossível descobrir a unidade da linguagem, por isso, ela não pode ser estudada como uma categoria única de fatos humanos. (VIOTTI, 2008, p. 15).



Portanto, a linguagem é algo individual, ou seja, são códigos linguísticos que não dependem que os indivíduos interajam entre si. Um exemplo de linguagem são os sinais de trânsito. Quando um semáforo está vermelho, é normal que os carros parem. Não é preciso que um guarda de trânsito explique para cada motorista que ele deve parar diante do sinal vermelho. Isso já está internalizado por todos que dirigem, uma vez que aprenderam durante as aulas de autoescola. No entanto, quando nos deparamos com uma pessoa, na rua, usando uma blusa vermelha, não paramos diante dela, como no semáforo, não é mesmo? A diferença entre a cor vermelha do semáforo e da blusa é que o primeiro traz uma interpretação por trás da cor, uma ordem de PARAR. Diferentemente da blusa que não há nenhum código para ser interpretado a não ser, simplesmente, que é uma blusa bonita, de cor alegre. Por isso, a linguagem é de ordem individual, não é preciso que haja outras pessoas interagindo para que o motorista compreenda a ordem de parar diante do semáforo, cuja cor está vermelha.

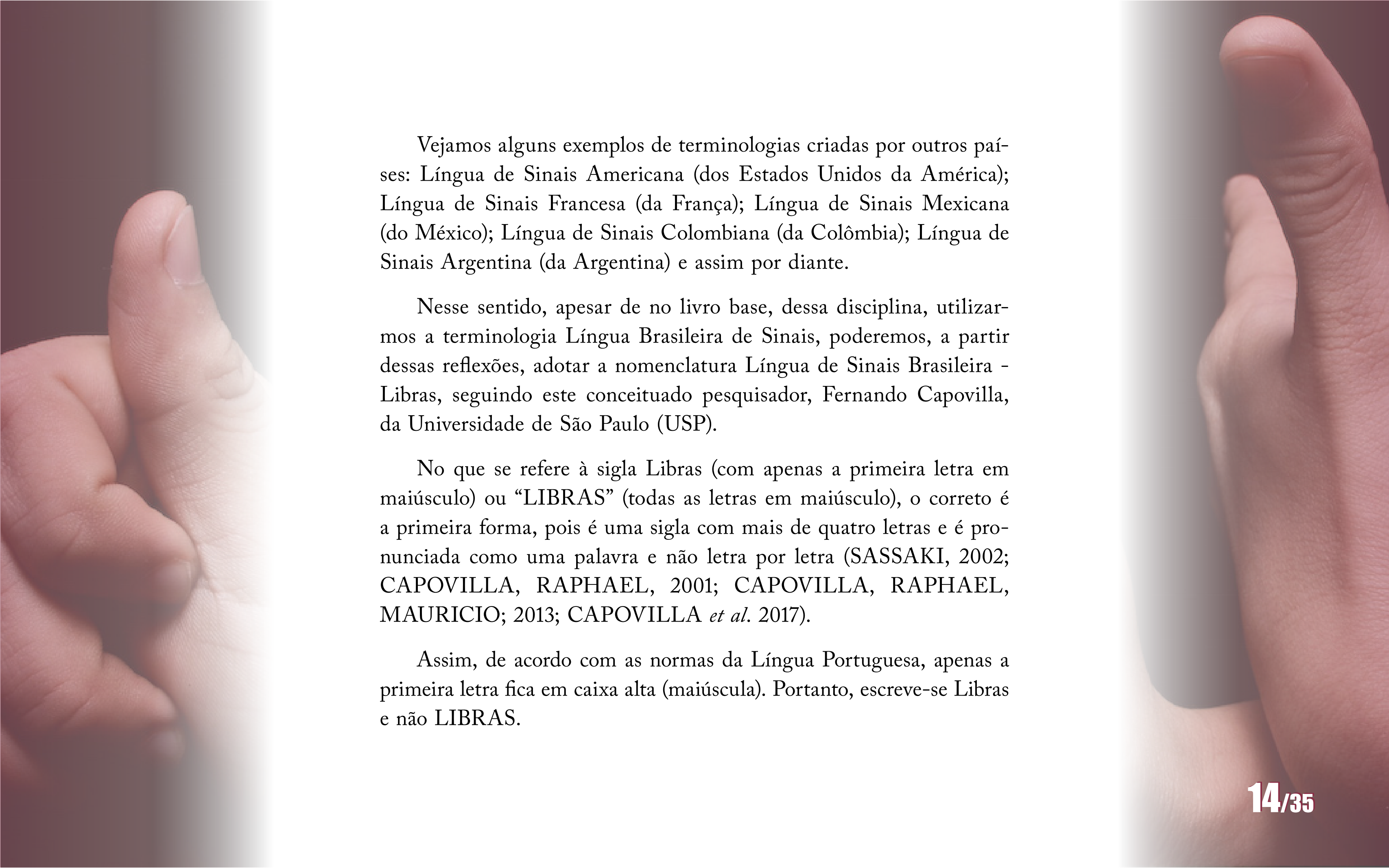
Agora, veja-se o conceito de língua, segundo a mesma autora:

A língua é um produto social da faculdade da linguagem e um conjunto de convenções necessárias estabelecidas e adotadas por um grupo social [...]. Ela é um fenômeno que está além do domínio individual. O português brasileiro é a língua de uma grande comunidade de pessoas ouvintes, nascidas no Brasil. A Libras é a língua de uma grande comunidade de pessoas surdas nascidas no Brasil. Essas línguas não se limitam a uma ou outra pessoa. Elas nascem e se desenvolvem no âmbito de um grupo social, não no âmbito individual. (VIOTTI, 2008, p. 15).

The image features two hands in the foreground, positioned on the left and right sides, performing a sign language gesture. The hands are light-skinned and are set against a background of a white central column flanked by dark, gradient-like borders. The text is centered within the white column.

A língua é um idioma de uma nação, com *status* linguístico que permite a comunicação entre duas ou mais pessoas. Todas as línguas são compostas por regras sistematizadas e, portanto, para aprender uma língua, é preciso estar em permanente contato com falantes de tal língua. Por isso, ela não é de domínio individual, mas coletivo, pois “[...] a língua é além de um construto que permite a expressão do pensamento, o idioma que possui *status* dentro de uma nação.” (STREIECHEN, 2014, p. 61).

Após essa breve distinção entre língua e linguagem, compreende-se que o correto é língua de sinais e não linguagem. Entretanto, existem duas possibilidades de uso da nomenclatura da Libras no Brasil: ‘Língua Brasileira de Sinais’ e ‘Língua de Sinais Brasileira’. A primeira está relacionada à Lei n. 10.436/2002 (BRASIL, 2002) – que oficializa a Libras no Brasil. Já, a segunda, Língua de Sinais Brasileira, é a terminologia utilizada e defendida por Capovilla e Raphael (2001). Para esses pesquisadores não existe uma língua brasileira portuguesa, assim como não existe uma língua brasileira de sinais. Nos outros países que têm a língua de sinais oficializada, usa-se língua de sinais como uma base linguística única, como se as três palavras (língua de sinais) formassem uma só unidade vocabular e acrescenta-se a adjetivação pátria ao final (CAPOVILLA, RAPHAEL, 2001; CAPOVILLA, RAPHAEL, MAURICIO; 2013; CAPOVILLA *et al.* 2017).

The background of the slide features two hands in a sign language gesture, positioned on the left and right sides. The hands are light-skinned and are shown from the wrist up, with fingers slightly curled and thumbs pointing towards the center. The lighting is soft, highlighting the texture of the skin and the lines on the fingers. The overall tone is neutral and professional.

Vejam os alguns exemplos de terminologias criadas por outros países: Língua de Sinais Americana (dos Estados Unidos da América); Língua de Sinais Francesa (da França); Língua de Sinais Mexicana (do México); Língua de Sinais Colombiana (da Colômbia); Língua de Sinais Argentina (da Argentina) e assim por diante.

Nesse sentido, apesar de no livro base, dessa disciplina, utilizarmos a terminologia Língua Brasileira de Sinais, poderemos, a partir dessas reflexões, adotar a nomenclatura Língua de Sinais Brasileira - Libras, seguindo este conceituado pesquisador, Fernando Capovilla, da Universidade de São Paulo (USP).

No que se refere à sigla Libras (com apenas a primeira letra em maiúsculo) ou “LIBRAS” (todas as letras em maiúsculo), o correto é a primeira forma, pois é uma sigla com mais de quatro letras e é pronunciada como uma palavra e não letra por letra (SASSAKI, 2002; CAPOVILLA, RAPHAEL, 2001; CAPOVILLA, RAPHAEL, MAURICIO; 2013; CAPOVILLA *et al.* 2017).

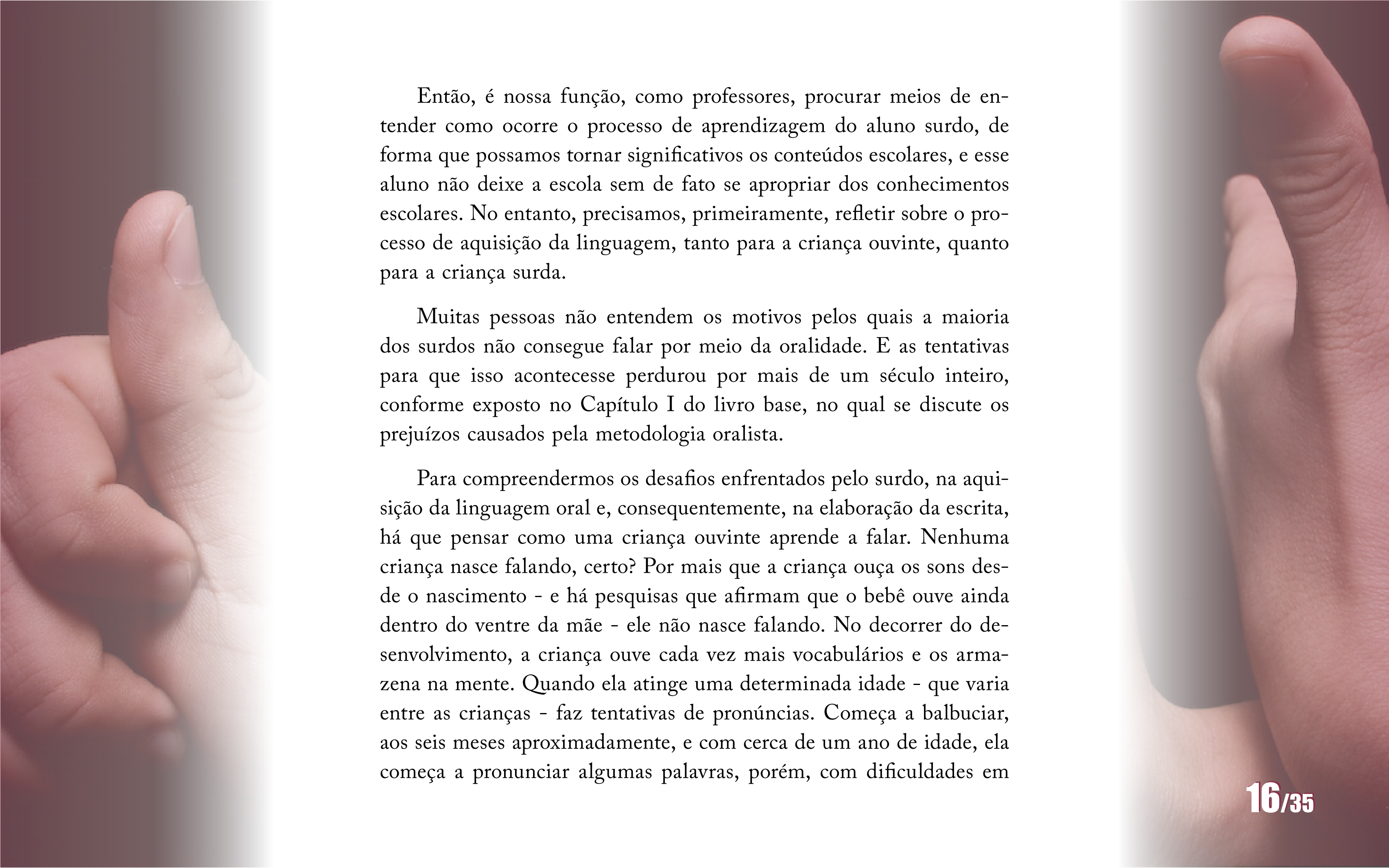
Assim, de acordo com as normas da Língua Portuguesa, apenas a primeira letra fica em caixa alta (maiúscula). Portanto, escreve-se Libras e não LIBRAS.

3. A Importância da Libras no Processo de Ensino e Aprendizagem do Aluno Surdo

A leitura deste texto irá lhe proporcionar conhecimentos acerca do processo de aquisição da linguagem, mais especificamente da escrita, pelo aluno surdo. Você está se formando em um Curso de Pedagogia, portanto, imagina-se que a sua intenção é de, futuramente, trabalhar em escolas, ser professor. Assim, certamente, você irá se deparar com crianças surdas. Embora, a carga horária, destinada a esta disciplina, não lhe permita adquirir fluência na Libras, ela é fundamental para alertar e impedir que injustiças, em relação ao processo de ensino e aprendizagem do aluno surdo, continuem ocorrendo. Há inúmeros alunos surdos, espalhados pelas escolas brasileiras, sendo reprovados, ano após ano, com a justificativa de que o processo de alfabetização com esses alunos é mais moroso do que com alunos ouvintes.

Ao discutir as três diferentes perspectivas de inclusão - do MEC, dos professores e do aluno - Streiechen (2018, p. 31) enfatiza que:


[...] milhares de indivíduos surdos, deficientes intelectuais, cegos e com outras necessidades especiais, estão sentados nos bancos escolares, das inúmeras escolas brasileiras, aguardando, com certa urgência, que alguém encontre um meio de tornar, tudo aquilo que se diz e que se faz nas salas de aula, significativo para ele, assim como ele julga ser para o colega sentado ao seu lado.



Então, é nossa função, como professores, procurar meios de entender como ocorre o processo de aprendizagem do aluno surdo, de forma que possamos tornar significativos os conteúdos escolares, e esse aluno não deixe a escola sem de fato se apropriar dos conhecimentos escolares. No entanto, precisamos, primeiramente, refletir sobre o processo de aquisição da linguagem, tanto para a criança ouvinte, quanto para a criança surda.

Muitas pessoas não entendem os motivos pelos quais a maioria dos surdos não consegue falar por meio da oralidade. E as tentativas para que isso acontecesse perdurou por mais de um século inteiro, conforme exposto no Capítulo I do livro base, no qual se discute os prejuízos causados pela metodologia oralista.


Para compreendermos os desafios enfrentados pelo surdo, na aquisição da linguagem oral e, conseqüentemente, na elaboração da escrita, há que pensar como uma criança ouvinte aprende a falar. Nenhuma criança nasce falando, certo? Por mais que a criança ouça os sons desde o nascimento - e há pesquisas que afirmam que o bebê ouve ainda dentro do ventre da mãe - ele não nasce falando. No decorrer do desenvolvimento, a criança ouve cada vez mais vocabulários e os armazena na mente. Quando ela atinge uma determinada idade - que varia entre as crianças - faz tentativas de pronúncias. Começa a balbuciar, aos seis meses aproximadamente, e com cerca de um ano de idade, ela começa a pronunciar algumas palavras, porém, com dificuldades em



muitos fonemas (sons). Quando essa criança chega à idade escolar, ela já sabe conversar perfeitamente e entende o que a professora fala. Por exemplo, quando a professora tenta ensinar como se escreve a palavra queijo, não é preciso mostrar o queijo ou uma figura representativa, pois a criança já o viu em casa, aprendeu o nome e sabe do que se trata. Agora, basta aprender a ler e a escrever a palavra. Veja a explicação de Streiechen e Krause-Lemke (2014, p. 962):

[...] todo vocabulário que um ouvinte adquiriu foi processado prioritariamente pelo canal auditivo. Porém, ao longo de todo esse processo, ocorreram, também, pistas visuais das quais ele teve a oportunidade de observar os usos e as funções em determinados objetos, além de ouvir seus nomes, com frequência. Ou seja, desde bebê, ele ouve seus pais, parentes, vizinhos, o rádio, a televisão entre outros. À medida que vai crescendo, consegue distinguir os significados das palavras e incorporar sinônimos, enriquecendo, assim, seu vocabulário no decorrer de toda sua vida. Ao escrever, o ouvinte, portanto, busca estas palavras e tenta ordená-las no papel.



Contudo, a linguagem depende da capacidade que a criança adquire de distinguir o significante (imagem acústica) do significado (conceito), que ocorre por volta de um ou dois anos de idade (PIAGET, 1975). Para compreender melhor a relação do significante com o significado - que toda criança precisa realizar na aquisição da linguagem e no processo de alfabetização - pense novamente na palavra queijo. Podemos escrever essa palavra em diversas línguas, veja: queijo



(português); “*queso*” (espanhol), “*cheese*” (inglês). A palavra, ou seja, o significante pode se alterar a depender da língua que se usa. No entanto, todas as línguas estão se referindo ao mesmo produto – um “bolo” branco proveniente do leite coagulado, que é o significado. Assim, o significante pode mudar de acordo com as línguas: “*queso*” (espanhol), “*cheese*” (inglês), mas o significado, não. Para ser alfabetizada, portanto, a criança precisa entender o significado de todas as palavras que ela escreve.

Agora que você compreendeu como ocorre o processo de aquisição da linguagem oral e da escrita da criança ouvinte, vamos transpor tudo isso para a criança que nasce surda. Diferentemente da criança ouvinte, o bebê surdo não assimila nada pelo ouvido, uma vez que há um impedimento, causado pela surdez, de levar os sons para o sistema nervoso central e fazer de decodificação do que aquele som representa. Portanto, dentro da mente do surdo, não há palavras porque ele não ouve os sons. Conseqüentemente, não é possível sair palavras de sua boca, uma vez que elas não entraram na mente do surdo, conforme explicado pelas autoras, Streiechen e Krause-Lemke (2014, p. 962):

A única forma que o surdo tem para aprender as palavras é pelos olhos, mas os olhos não distinguem os sons. Como ele não conhece os sons das palavras, não sabe como pronunciá-las. As palavras que existem em sua mente são aquelas poucas que ele visualizou em sua forma escrita (se ele já foi alfabetizado).



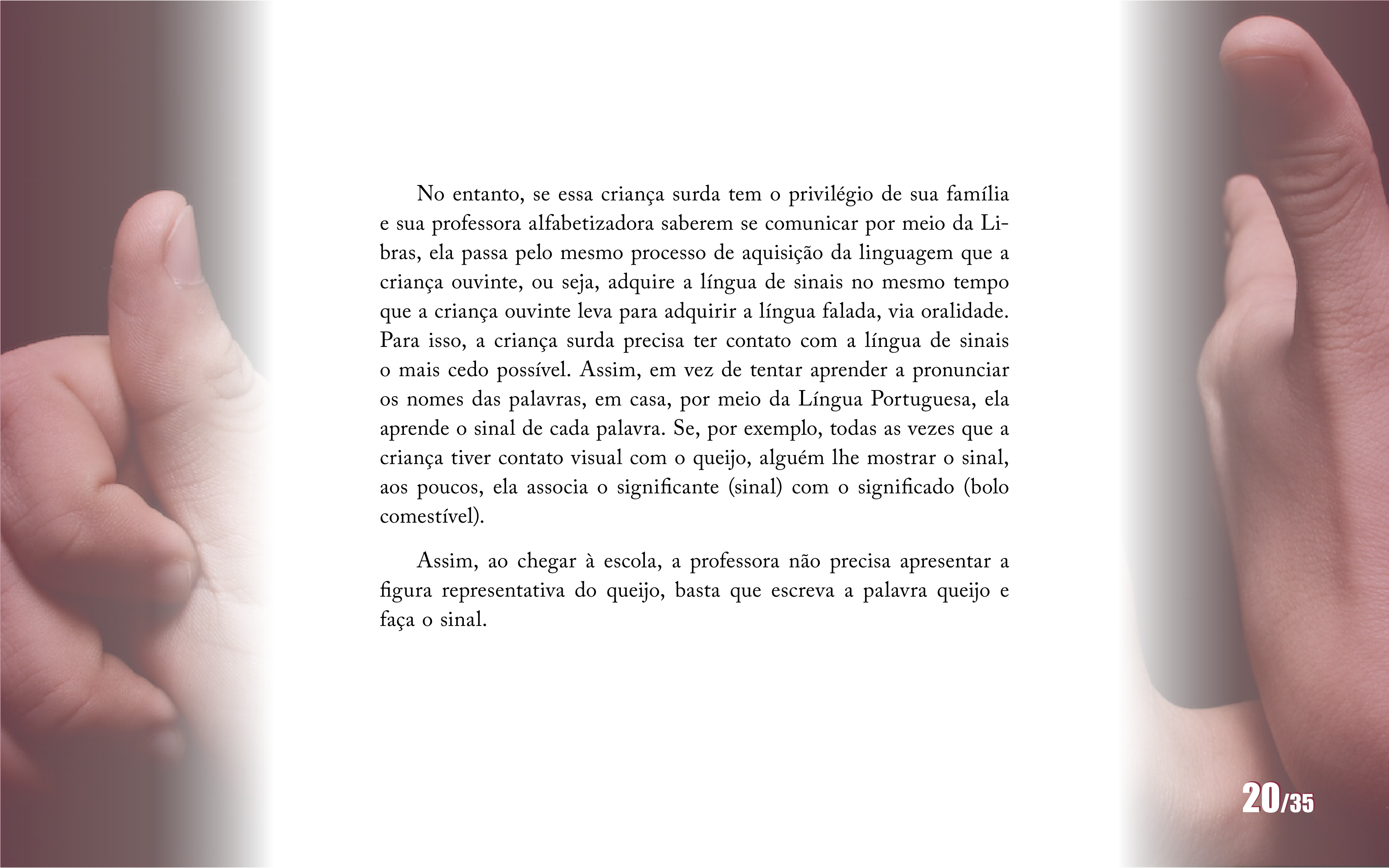
Assim, quando o surdo vê o queijo, em casa, armazena, em sua mente, apenas o significado, a imagem de um bolo comestível. Entretanto, ele não sabe o significante, o nome deste bolo (queijo). Por mais que os membros da família pronunciem, com frequência, a palavra queijo, o surdo não ouve e, portanto, essa palavra não entra em sua mente.

Ao discorrer sobre estes dois termos, significante e significado, Wilson e Martelotta (2008, p. 74) explicam que:

Esses dois elementos constitutivos do signo linguístico apresentam entre si uma relação arbitrária ou imotivada, ou seja, não há entre eles nenhum laço natural. Isso significa que, no ato de nomeação, a língua não se reduz a um mero reflexo da realidade. Essa relação se estabelece internamente ao sistema linguístico, na relação do signo com outros signos.

As explicações, desses autores, nos ajudam a compreender que se não houver um par mais perfeito, um tutor, alguém mais experiente, na língua em questão, (VYGOTSKY, 1984; BRUNER, 1997) para ensinar a relação entre significante (nome) e significado (conceito), o indivíduo não faz essa relação de forma natural, e isso vale tanto para a criança ouvinte quanto para a surda.

Portanto, ao chegar à escola, não adianta a professora apenas falar ou escrever a palavra 'queijo' para o aluno surdo. Ela precisa, além de escrever, apresentar a imagem/foto/figura representativa do queijo para que a criança faça a relação do significante (palavra escrita) com o significado (bolo comestível).

The image features two hands in the foreground, positioned on the left and right sides, performing a sign language gesture. The hands are light-skinned and are set against a background of a white central panel. The fingers are slightly curled, and the palms are facing each other. The background behind the hands is a soft, out-of-focus gradient of light and dark tones.

No entanto, se essa criança surda tem o privilégio de sua família e sua professora alfabetizadora saberem se comunicar por meio da Libras, ela passa pelo mesmo processo de aquisição da linguagem que a criança ouvinte, ou seja, adquire a língua de sinais no mesmo tempo que a criança ouvinte leva para adquirir a língua falada, via oralidade. Para isso, a criança surda precisa ter contato com a língua de sinais o mais cedo possível. Assim, em vez de tentar aprender a pronunciar os nomes das palavras, em casa, por meio da Língua Portuguesa, ela aprende o sinal de cada palavra. Se, por exemplo, todas as vezes que a criança tiver contato visual com o queijo, alguém lhe mostrar o sinal, aos poucos, ela associa o significante (sinal) com o significado (bolo comestível).

Assim, ao chegar à escola, a professora não precisa apresentar a figura representativa do queijo, basta que escreva a palavra queijo e faça o sinal.

Clique na imagem e aprenda o sinal de queijo:






Segundo Santos,

[...] a tarefa de escrever é complexa e não se limita à simples aprendizagem dos códigos de uma língua. Exige do indivíduo tanto a potencialidade de assimilar as diferenças específicas dos sistemas fônico, fonológico, morfológico e lexical da língua, quanto a habilidade de identificar o que há de peculiar na estrutura sintática e no modo como as relações semânticas se estabelecem. (2011, p. 2).

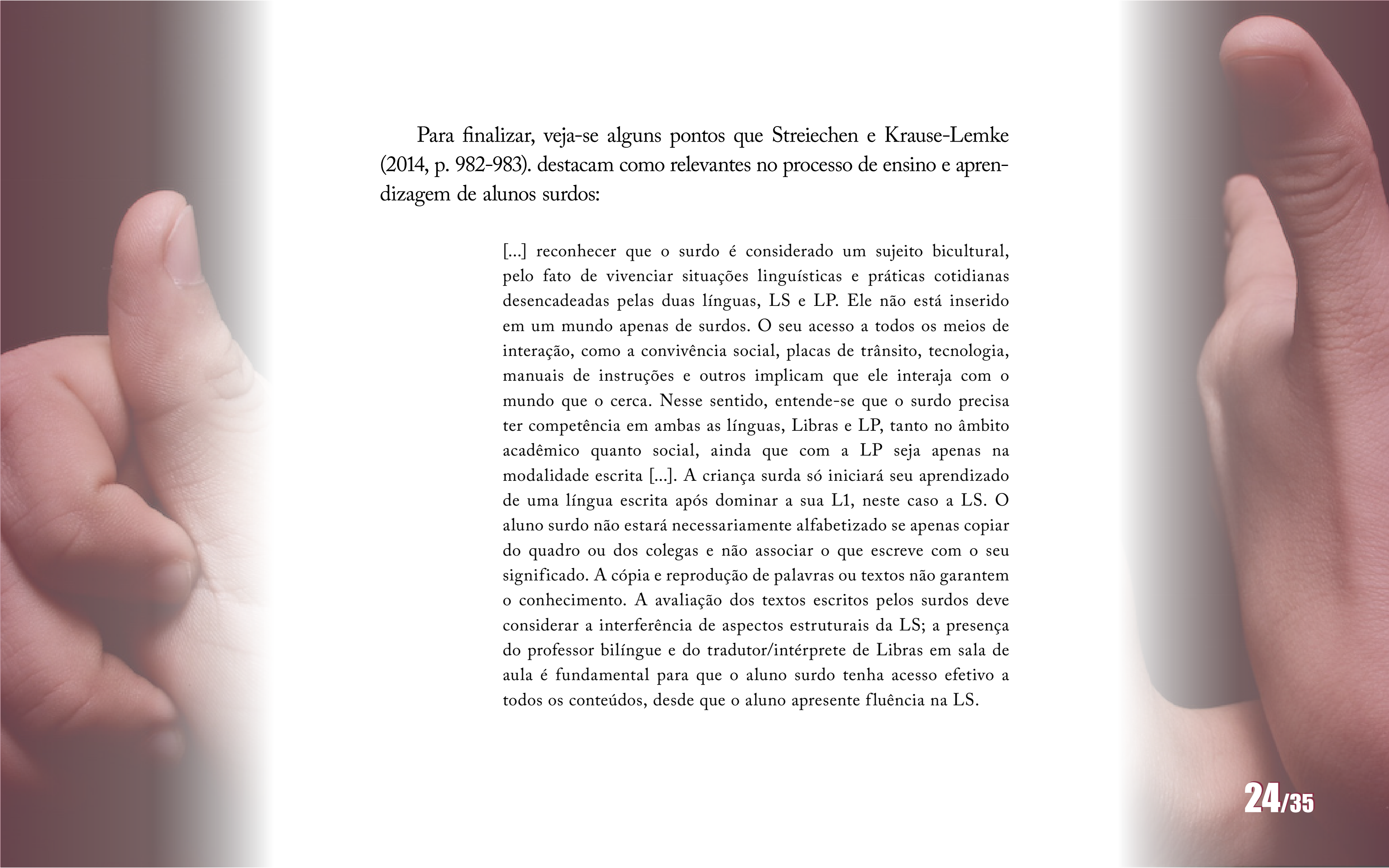
Além disso, é preciso considerar que o único canal de aprendizagem da criança surda é a visão, enquanto que da criança ouvinte é a audição e a visão. Ao comparar a alfabetização da criança surda com a criança ouvinte, Santos (2011) explica que “[...] a criança ouvinte, durante o período de contato com os sinais gráficos, passa por estágios de evolução, que são caracterizados em quatro grandes níveis: Pré-Silábico, Silábico, Silábico-Alfabético e Alfabético”. Já em relação aos surdos, a autora enfatiza que “[...] a realização dessas etapas não gera resultados satisfatórios, pois elas estão voltadas, na maioria das vezes, para a correspondência entre som e grafia” (SANTOS, 2011, p. 961).



Por meio de um depoimento, Perlin (2010, p. 57) enfatiza o quão difícil é a tarefa de escrever em uma língua considerada praticamente estrangeira para os surdos brasileiros:

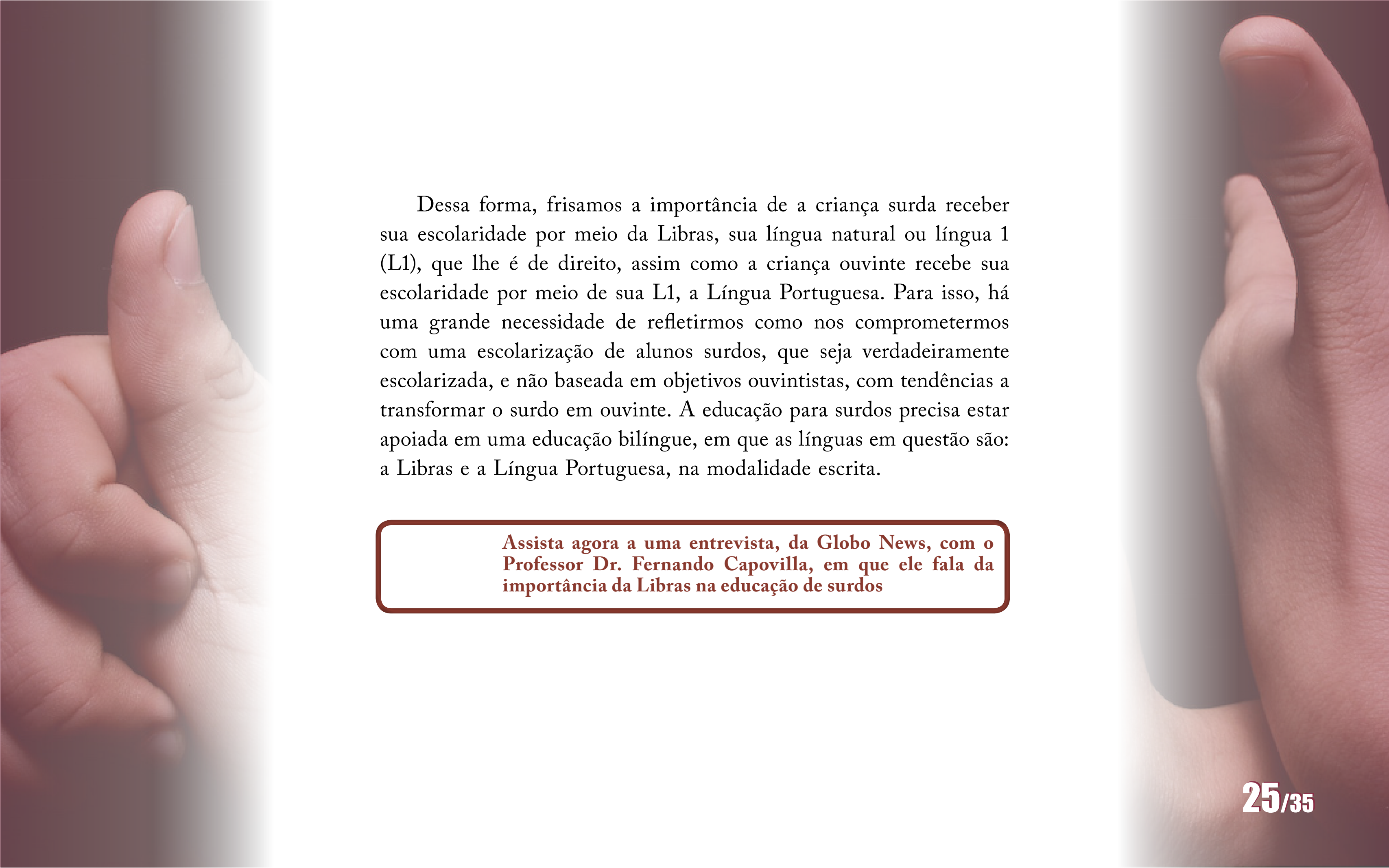
É tão difícil escrever. Para fazê-lo, meu esforço tem de ser num clima de despender energias o suficiente demasiadas. Escrevo numa língua que não é minha. Na escola fiz todo esforço para entender o significado das palavras usando o dicionário. São palavras soltas elas continuam soltas. Quando se trata de pô-las no papel, de escrever meus pensamentos, elas são marcadas por um silêncio profundo. Eu preciso decodificar o meu pensamento visual com palavras em português que têm signos falados. Muito há que é difícil ser traduzido, pode ser apenas uma síntese aproximada. Tudo parece um silêncio quando se trata da escrita em português, uma tarefa difícil, difícilíssima.

Portanto, é um grande equívoco justificar que o atraso da escolarização do surdo está associado à surdez. O surdo não apresenta problemas cognitivos que o impeçam de aprender. O principal empecilho, que ocasiona esse atraso, é linguístico, pois o surdo não ouve as explicações do professor que tem a oralidade como único meio de ensinar. Se a criança ingressar na escola usando a Libras como meio de comunicação e o professor recorrer à língua de sinais para ensiná-la, não há atraso na escolarização desse aluno.



Para finalizar, veja-se alguns pontos que Streiechen e Krause-Lemke (2014, p. 982-983). destacam como relevantes no processo de ensino e aprendizagem de alunos surdos:

[...] reconhecer que o surdo é considerado um sujeito bicultural, pelo fato de vivenciar situações linguísticas e práticas cotidianas desencadeadas pelas duas línguas, LS e LP. Ele não está inserido em um mundo apenas de surdos. O seu acesso a todos os meios de interação, como a convivência social, placas de trânsito, tecnologia, manuais de instruções e outros implicam que ele interaja com o mundo que o cerca. Nesse sentido, entende-se que o surdo precisa ter competência em ambas as línguas, Libras e LP, tanto no âmbito acadêmico quanto social, ainda que com a LP seja apenas na modalidade escrita [...]. A criança surda só iniciará seu aprendizado de uma língua escrita após dominar a sua L1, neste caso a LS. O aluno surdo não estará necessariamente alfabetizado se apenas copiar do quadro ou dos colegas e não associar o que escreve com o seu significado. A cópia e reprodução de palavras ou textos não garantem o conhecimento. A avaliação dos textos escritos pelos surdos deve considerar a interferência de aspectos estruturais da LS; a presença do professor bilíngue e do tradutor/intérprete de Libras em sala de aula é fundamental para que o aluno surdo tenha acesso efetivo a todos os conteúdos, desde que o aluno apresente fluência na LS.



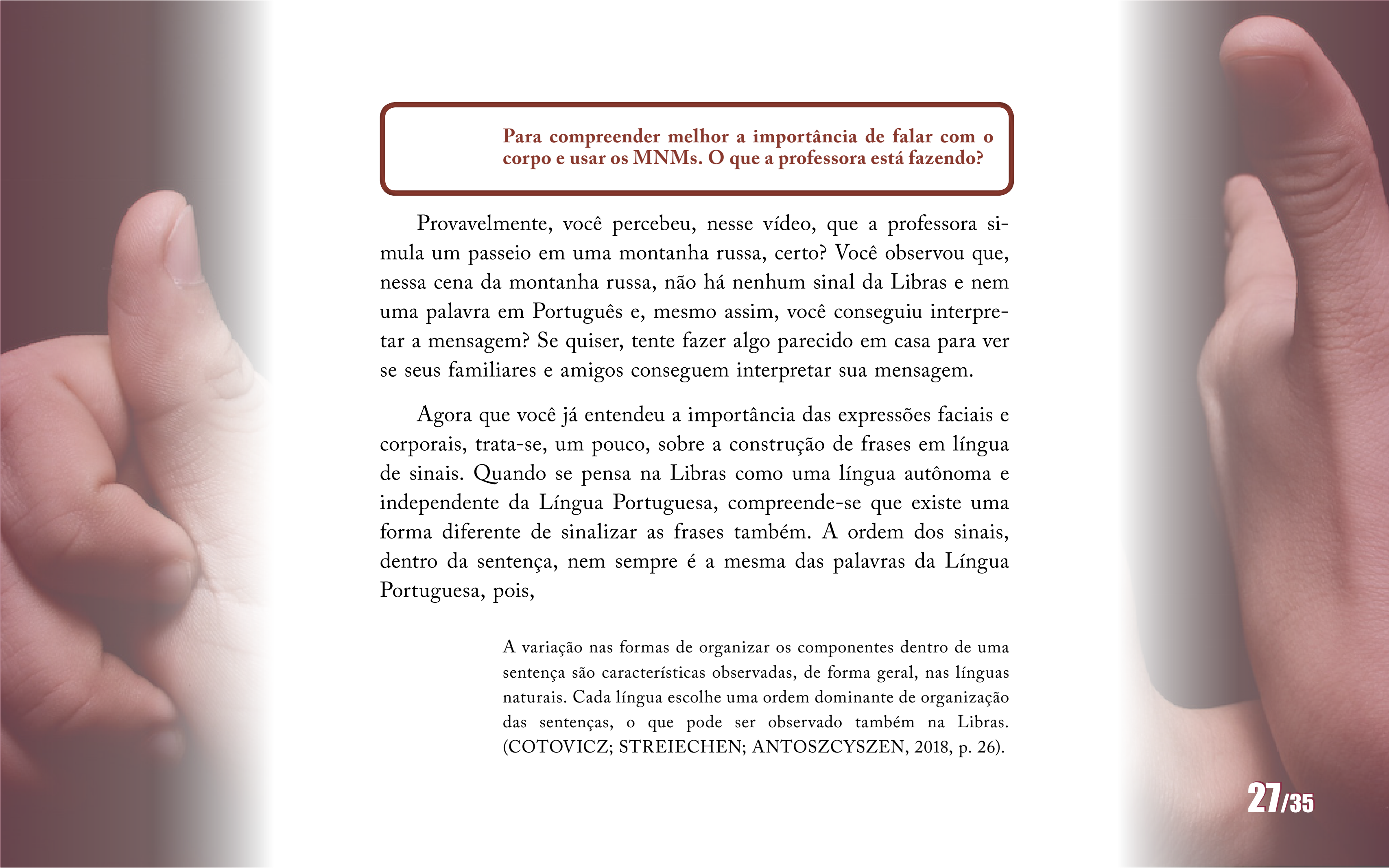
Dessa forma, frisamos a importância de a criança surda receber sua escolaridade por meio da Libras, sua língua natural ou língua 1 (L1), que lhe é de direito, assim como a criança ouvinte recebe sua escolaridade por meio de sua L1, a Língua Portuguesa. Para isso, há uma grande necessidade de refletirmos como nos comprometemos com uma escolarização de alunos surdos, que seja verdadeiramente escolarizada, e não baseada em objetivos ouvintistas, com tendências a transformar o surdo em ouvinte. A educação para surdos precisa estar apoiada em uma educação bilíngue, em que as línguas em questão são: a Libras e a Língua Portuguesa, na modalidade escrita.

Assista agora a uma entrevista, da Globo News, com o Professor Dr. Fernando Capovilla, em que ele fala da importância da Libras na educação de surdos

4. A Construção Sintática da Libras

Nas conversações em língua de sinais, o corpo e expressões estão em consonância com as mãos, enquanto elas sinalizam. Para os surdos, que têm o canal visual como principal fonte de aprendizagem e comunicação, as expressões corporais e faciais são fundamentais. Deixar o corpo falar é o primeiro passo para aprender Libras. As expressões faciais são denominadas também como marcadores não manuais (MNM). Na Língua Portuguesa, utiliza-se a entonação da voz para que os interlocutores compreendam que se interroga, exclama ou afirma algo. Como na Libras não se utiliza a voz para a comunicação, as expressões faciais equivalem à essa entonação. Portanto, é por meio dos MNM que o surdo compreende se se está perguntando, afirmando, negando, exclamando etc. Assim, “[...] um sinal pode mudar completamente seu significado em função da expressão facial utilizada.” (STREIECHEN, 2017, p. 46).

Observe a presença de MNM no sinal de BONITO, realizado pela professora

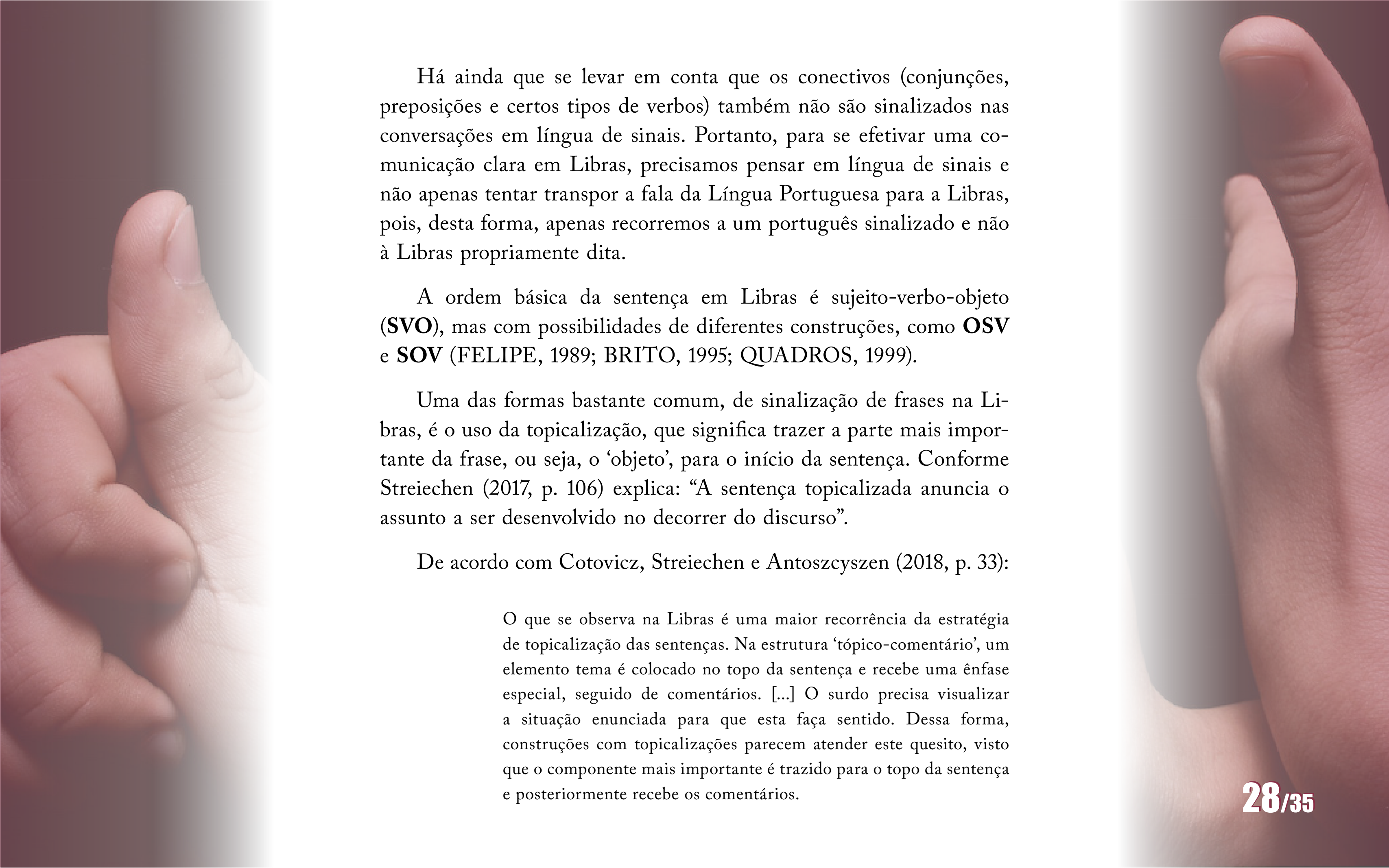
The background of the slide features two hands in a sign language gesture, one on the left and one on the right, set against a soft, blurred gradient background. The hands are positioned as if they are communicating, with fingers slightly curled and palms facing each other.

Para compreender melhor a importância de falar com o corpo e usar os MNMs. O que a professora está fazendo?

Provavelmente, você percebeu, nesse vídeo, que a professora simula um passeio em uma montanha russa, certo? Você observou que, nessa cena da montanha russa, não há nenhum sinal da Libras e nem uma palavra em Português e, mesmo assim, você conseguiu interpretar a mensagem? Se quiser, tente fazer algo parecido em casa para ver se seus familiares e amigos conseguem interpretar sua mensagem.

Agora que você já entendeu a importância das expressões faciais e corporais, trata-se, um pouco, sobre a construção de frases em língua de sinais. Quando se pensa na Libras como uma língua autônoma e independente da Língua Portuguesa, compreende-se que existe uma forma diferente de sinalizar as frases também. A ordem dos sinais, dentro da sentença, nem sempre é a mesma das palavras da Língua Portuguesa, pois,

A variação nas formas de organizar os componentes dentro de uma sentença são características observadas, de forma geral, nas línguas naturais. Cada língua escolhe uma ordem dominante de organização das sentenças, o que pode ser observado também na Libras. (COTOVICZ; STREIECHEN; ANTOSZCYSZEN, 2018, p. 26).

The background of the page features a soft-focus image of two hands in a sign language gesture, positioned on the left and right sides. The hands are light-skinned and appear to be in a specific configuration, possibly representing a letter or a word in sign language. The lighting is even, highlighting the texture of the skin and the contours of the fingers.

Há ainda que se levar em conta que os conectivos (conjunções, preposições e certos tipos de verbos) também não são sinalizados nas conversações em língua de sinais. Portanto, para se efetivar uma comunicação clara em Libras, precisamos pensar em língua de sinais e não apenas tentar transpor a fala da Língua Portuguesa para a Libras, pois, desta forma, apenas recorreremos a um português sinalizado e não à Libras propriamente dita.

A ordem básica da sentença em Libras é sujeito-verbo-objeto (**SVO**), mas com possibilidades de diferentes construções, como **OSV** e **SOV** (FELIPE, 1989; BRITO, 1995; QUADROS, 1999).

Uma das formas bastante comum, de sinalização de frases na Libras, é o uso da topicalização, que significa trazer a parte mais importante da frase, ou seja, o ‘objeto’, para o início da sentença. Conforme Streiechen (2017, p. 106) explica: “A sentença topicalizada anuncia o assunto a ser desenvolvido no decorrer do discurso”.

De acordo com Cotovicz, Streiechen e Antoszcyszen (2018, p. 33):

O que se observa na Libras é uma maior recorrência da estratégia de topicalização das sentenças. Na estrutura ‘tópico-comentário’, um elemento tema é colocado no topo da sentença e recebe uma ênfase especial, seguido de comentários. [...] O surdo precisa visualizar a situação enunciada para que esta faça sentido. Dessa forma, construções com topicalizações parecem atender este quesito, visto que o componente mais importante é trazido para o topo da sentença e posteriormente recebe os comentários.

Assista aos dois próximos vídeos da professora em que ela faz uso da topicalização:

Namorado eu tenho

Sol eu gosto

Ao interpretarmos estas duas frases, para a Língua Portuguesa, ficariam assim: “Eu tenho namorado”. “Eu gosto de sol”. Em ambas as frases, sinalizadas pela professora, percebemos o uso da topicalização, uma vez que os Objetos (NAMORADO e SOL) são os primeiros elementos a serem mencionados. Observamos, também, que a preposição ‘de’, presente na frase em LP, não é sinalizada, pois, “enquanto que no português há elementos conectivos indicados com palavras, na Libras, esses mecanismos são discursivos e espaciais, estando incorporados ao movimento ou em referentes espaciais” (FERNANDES, 2012, p. 62). Assim, os conectivos (conjunções, preposições, artigos e alguns tipos de verbos) não são sinalizados.

Outro recurso linguístico da Libras é a sentença com foco, em que uma parte é repetida, como forma de destacar a informação (STREIECHEN, 2017).

The background of the slide features two hands in a sign language gesture, positioned on the left and right sides. The hands are light-skinned and are shown from the wrist up, with fingers slightly curled and thumbs pointing towards the center. The lighting is soft, highlighting the texture of the skin and the lines on the fingers.

Veja as duas frases sinalizadas pela professora e tente observar a parte que ela repete:

Eu não gosto de beber, não gosto

Gosto de ajudar a mãe, gosto

Dessa forma, podemos compreender que a língua de sinais oferece recursos linguísticos diferentes daqueles utilizados nas línguas orais. Por isso, quando tentamos apenas transpor uma língua oral para a língua de sinais, seguindo os mesmos critérios estruturais ou sintáticos, recorreremos a um ‘português sinalizado’ e não propriamente à Libras.

The background of the page features two hands in sign language, one on the left and one on the right, positioned as if communicating. The hands are light-skinned and are shown from the wrist up, with fingers extended and slightly curved. The lighting is soft, highlighting the texture of the skin and the lines on the fingers. The hands are set against a dark, blurred background, which makes them stand out prominently.

Palavras Finais

Ao concluir esse *E-book*, esperamos que as informações, aqui contidas, auxiliem nos seus estudos e lhes sirvam como instrumentos motivadores para aprender, de forma mais aprofundada, a Libras. Que o objetivo de seu aprendizado, da língua de sinais, não se limite a apenas concluir a graduação, mas possibilite que a sua comunicação com o surdo ultrapasse o ambiente escolar e, assim, diminua o bloqueio linguístico com o qual os surdos brasileiros se deparam diariamente. Para ampliar ainda mais os seus conhecimentos, a respeito da vida das pessoas surdas, de forma que a sua empatia seja ainda mais desenvolvida, assista aos filmes e séries contempladas na relação a seguir.

Sugestões de Filmes e Séries

1. A família Bélier (Filme)
2. Adorável professor (Filme)
3. A música e o silêncio (Filme)
4. And now tomorrow (Filme)
5. Black (Filme)
6. Cop land (Filme)
7. Depois do silêncio (Filme)
8. E seu nome é Jonas (Filme)
9. Filhos do silêncio (Filme)
10. Los amigos (Filme)
11. O milagre de Anne Sullivan (Filme)
12. O país dos surdos (Filme)
13. O piano (Filme)
14. O segredo de Beethoven (Filme)
15. Querido Frankie (Filme)
16. Sweet nothing in my ear (Filme)
17. Switched at Birth (Série)
18. Tamara (Animação. Curta metragem)
19. The Hammer (Filme)
20. Tortura silenciosa (Filme)

Referências

BRASIL. Lei n. 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras - e dá outras providências. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Brasília, 25 abr. 2002.

_____. Decreto Federal Nº 5.626 de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei Nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei Nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 2005.

BRITO, L.F. **Por uma gramática de línguas de sinais**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.

BRUNER, J. S. **Atos de significação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

CAPOVILLA, F. C.; RAPHAEL, W. D. **Dicionário enciclopédico ilustrado trilíngue da Língua de Sinais Brasileira**. 2. ed. São Paulo, Edusp. p. 1479 – 1487. vol. 1, 2001.

CAPOVILLA, F. C.; RAPHAEL, W. D. MAURICIO, A. C. **Novo Dicionário enciclopédico ilustrado trilíngue da Língua de Sinais Brasileira**. São Paulo: Edusp, MEC-FNDE, 2013.

CAPOVILLA, F. C.; RAPHAEL, W.D.; TEMOTEO, J. G.; MARTINS, A. C. **Dicionário da Língua de Sinais do Brasil: a Libras em suas mãos**. Volume 1: Sinais de A a D. 1. ed. São Paulo: Edusp, v. 1, 2017.

COTOVICZ, M.; STREIECHEN, E. M.; ANTOSZCYSZEN, S. Libras: algumas reflexões sobre a sintaxe. **Revista Odisseia**, Natal, v. 3, n. 1, p. 16-35, jan.-jun. 2018.

FELIPE, T. A. **Bilinguismo e surdez**. Trabalhos em linguística aplicada. Painel: bilinguismo e surdez. Campinas: n.14, p. 101-112, 1989.

FERNANDES, S. **Comunicação em Língua Brasileira de Sinais-Libras**. 2.ed. Curitiba: UFPR, 2012.

PERLIN, G.T.T. Identidades surdas. In: SKLIAR, C. (org.). **A surdez**: um olhar sobre as diferenças. 4.ed. Porto Alegre: Mediação, 2010, p. 51-73.

PIAGET, J. **A formação do símbolo na criança**: imitação, jogo e sonho, imagem e representação. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

QUADROS, R. M. de. **Phrase Structure of Brazilian Sign Language**. (Doutorado em Letras). Instituto de Letras e Artes, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1999.

SASSAKI, Romeu Kazumi. Terminologia sobre deficiência na era da inclusão. In: **Revista Nacional de Reabilitação**, ano V, n. 24, jan./fev. 2002, pp. 6-9.

SANTOS, F. M. A. **O processo de aprendizagem da escrita do português por surdos**: singularidades e estratégias facilitadoras. Inventário (Universidade Federal da Bahia. online), v.8, p. 1-16, 2011. Disponível em: <http://www.inventario.ufba.br/08/O%20processo%20de%20aprendizagem%20corrigido.pdf>. Acesso em 6 mar. 2019.

STREIECHEN, E. M.; KRAUSE-LEMKE, C. Análise da produção escrita de surdos alfabetizados com proposta bilíngue: implicações para a prática pedagógica. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**. 14(4). 957-986, 2014. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1984-639820145557>.

STREIECHEN, E. M. **A aquisição da Libras por crianças ouvintes filhas de mãe surda em um contexto multilinguístico**: um estudo de caso. 130f. 2014. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Estadual do Centro-Oeste do Paraná, 2014.

STREIECHEN, E. M. **Libras**: aprender está em suas mãos. 2. ed. Curitiba: CRV, 2017.

STREIECHEN, E. M. **Um estudante bilíngue, uma mãe surda e a escola**: percurso de encontros, desencontros e contradições. Tese (Doutorado em Educação). Programa de Pós-Graduação da Universidade Estadual de Ponta Grossa/Paraná, 2018.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. Trad. Grupo de Desenvolvimento e Ritmos Biológicos. Departamento de Ciências Biomédicas. USP. São Paulo: Martins Fontes, 1984.

WILSON, V.; MARTELOTTA, M. E. Arbitrariedade e iconicidade. In: MARTELOTTA, M. E. (org.). **Manual de linguística**. 1. ed., 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2008, p. 71-85.

VIOTTI, E. C. **Introdução aos Estudos Linguísticos**. Texto base da disciplina de Introdução aos Estudos Linguísticos do Curso de Bacharelado em Letras Libras da Universidade Federal de Santa Catarina – UFS. Florianópolis, 2008.

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CENTRO-OESTE DO
PARANÁ - UNICENTRO**

**NÚCLEO DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA - NEAD
UNIVERSIDADE ABERTA DO BRASIL - UAB**

Prof.^a Dr.^a Sandra Aparecida Machado Polon
Coordenador Geral Curso

Prof.^a Dr.^a Maria Aparecida Crissi Knuppel
Coordenadora Geral NEAD / Coordenadora Administrativa do Curso

Prof.^a Dr.^a Marisa Schnekenberg
Coordenador de Tutoria

Prof. Ms.^a Marta Clediane Rodrigues Anciutti
Coordenadora de Programas e Projetos / Coordenadora Pedagógica

Espencer Gandra
Murilo Holubovski
Designers Gráfico

Carleton University
Elementos gráficos